

O turismo como reencontro antropológico

Adalberto Dias de Carvalho  ^{a*}

^a ISCET - High Institute of Business and Tourism Sciences, Porto, Portugal

Info	Abstract
<i>Keywords:</i> Tourism, Memory, Disappear, Project, Existence.	Based on Kafka's reflections, the anthropological foundations of tourism are questioned, with particular emphasis on the existential dramas with which the future outlined in each person's past seeks to deal, thus overcoming the traditional assumptions of the idea of tourism project.
Turismo, Memória, Desaparecer, Projeto, Existência.	A partir das reflexões de Kafka, questionam-se os fundamentos antropológicos do turismo, valorizando-se particularmente os dramas existenciais com que o futuro delineado no passado de cada um procura lidar superando-se, assim, os pressupostos tradicionais da ideia de projeto turístico

* Corresponding author. E-mail address: adalberto.carvalho@iscet.pt (A.Carvalho) Journal homepage: <http://percursosideias.iscet.pt>



Introdução

Desaparecer acaba por ser o grande drama da existência humana sempre delineado no horizonte como uma ameaça crepuscular com a qual, precisamente pela sua intransponibilidade e carácter previsível do seu insuperável mistério, acabamos por nos confrontar. Entretanto, procuramos igualmente, com recurso à imaginação, prever ou até traçar o futuro através de artes pretensamente divinatórias e com recurso a projetos que, assentes em critérios formalmente estandardizados, elaboram antecipadamente construções ideais que, por razões funcionais ou estéticas, se consideram desejáveis e, por isso, turisticamente operacionais e realizáveis.

Escreveu Georges Proust:

“A verdadeira viagem de descoberta não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos”.

Clarificações conceituais

“Desaparecer” surge nos dicionários como o antónimo de aparecer, significando deixar de ser visto, de aparecer, não poder ser encontrado, apagar-se, retirar-se, sumir, morrer, enquanto “aparecer” significa tornar-se visível, surgir, a que acrescentaríamos nascer. Ficamos, de alguma maneira, entre o ocaso e a aurora, entre vários patamares do ocaso e da aurora, entre o pôr e o nascer-do-sol, sendo que o nascer-do-sol, sem prejuízo da sua luminosidade, implica um posterior pôr-do-sol, não sendo necessária, ainda que previsível, a sequência inversa.

Vivemos agarrados a um corpo, a um psiquismo e a uma sociedade em que, num contínuo presente, se entrelaçam as vivências de uma memória e as projeções de um futuro que, mesmo quando indesejadas, são nossas, isto é, tanto quanto podemos aceitar, rejeitar e subalternizar o que aconteceu ou procuramos delinear o que vai acontecer. No primeiro caso, na decorrência, voluntária ou inconsciente, a par de recordações, também do esquecimento, cuja ambivalência nos assalta quando, pelas suas omissões, acaba por impor a permanência, normalmente sob a forma de sofrimento, do que preferíamos rejeitar.

No fundo, um pouco como dizia Santo Agostinho, de alguma forma, tudo é ou se converte em presente: passado e futuro tornados presente e presente-presente...

O que representa então desaparecer? Seguramente a perda do presente em todas as suas dimensões, significando isto que, quando desaparecemos, deixamos de existir pelo menos para nós, ou seja, só existimos enquanto, conforme os limiares existenciais identificados, não desaparecemos, o que nos confronta com um mistério que, sendo vital, se torna em si insuportável. É aqui que as crenças religiosas nos prometem, e até asseguram, a vida do além, tendo nós, por isso e para isso, de viver submetendo-nos a tributos para com esse além. Porém, sendo-nos impossível o seu conhecimento experiencial enquanto seres vivos, é-nos, contudo, delineada, ou talvez melhor, oferecida por uma crença, pela fé, pelo acesso ao transcendente, uma pretendida alternativa que pretende tornar-se mais poderosa do que o próprio conhecimento experiencial efetivo.

Se os processos de conhecimento, nos seus níveis mais elevados, são desenvolvidos e referenciados por cientistas com base em critérios, experiências e obras exigentes no contexto da racionalidade, no âmbito dos itinerários religiosos invocam-se os ensinamentos transcendentais transmitidos por entidades superiores especialmente consagradas nos textos religiosos. Assim, se com a ciência se exigem comprovações, com a religião trata-se de apresentar – e aceitar – convicções, que se considera serem provas.

Pressupostos e impactos do desaparecimento como fenómeno existencial

As tragédias inerentes ao desaparecimento, ao nosso desaparecimento vital, estão e são muitas e provavelmente implícitas umas nas outras, desde logo porque, se desaparecemos para nós mesmos, vamos implicitamente, dentro dos mesmos referenciais antropológicos, desaparecer também para os outros. Sabemos, com certeza, que desaparecemos fisicamente. Daí o cristianismo, perante a angústia e o paradoxo racional do desaparecimento, postular e antever, como compensação e possível prémio, à semelhança de Cristo, a ressurreição dos nossos corpos.

O desaparecimento, enquanto tal, é quase sempre um drama pois, para assim o não ser, terá de ser precedido ou

seguido de fenómenos radicais que, pela sua natureza e implicação pessoais, benévolos ou malévolos, muito alegres ou muito tristes, o secundarizam mais ou menos intensamente, podendo atenuar ou ajudar a omitir a sua dramaticidade.

Desaparecimento e presencialidade

Em qualquer das circunstâncias, como vimos, um desaparecimento ocorre sempre num presente, embora este presente possa ter a sua realidade fáctica preservada pela memória ou perspectivada através de uma previsão, sendo que, em ambos os casos, certamente que a imaginação infundirá elementos adicionais tornados intrínsecos, mais tristes ou alegres conforme os protagonistas e os casos em apreço. Acontece, entretanto, que todos estes desaparecimentos episódicos são sempre conjunturais, significando isto que, em cada um deles, não emerge a radical autenticidade do desaparecimento em si que ocorre necessariamente através de uma total ausência que estará implícita só com a elisão da própria subjetividade, a qual, de uma forma ou de outra, representa e sustenta a presencialidade.

A presença tem assim uma dupla dimensão: a da exterioridade marcada pela orgânica e relativa imposição de uma objetividade constituída por situações em que participam pessoas, objetos e envolências de todo o tipo e a de uma interioridade que se confunde com a intimidade sentimental, existencial e abstrata de cada sujeito.

Sentido e papel das comemorações

Acontece que a dicotomia exterioridade-interioridade pode ser redimensionada e de algum modo subvertida quando se organizam comemorações para evocar pessoas e acontecimentos. Nestas circunstâncias, nomeadamente através de palavras, documentos e reconstituições, procura-se atualizar a relevância e a nobreza que social, política, cultural ou religiosamente se atribui a certas personalidades ou eventos, entre outras finalidades, para que o seu especial sentido se não perca, acabando-se mesmo, com frequência, por, ao recriá-los, reforçar não só a sua configuração fáctica como também a sua expressão simbólica.

Os fenómenos familiares, sociais e religiosos são, neste âmbito, particularmente marcantes, acontecendo que a transfiguração objetiva da sua conceção subjetiva, individual e comunitária, tende a ser retida e sentimentalmente valorizada apenas pelos grupos mais ou menos extensos que partilham, como convicções, os respetivos referenciais, podendo constituir para terceiros objetos e até espetáculos suscetíveis de curiosidade, inclusive com relevância turística.

Os rituais mais ou menos grandiosos e identitários simulam, frequentemente com a reivindicação de um elevado grau de autenticidade, fenómenos historicamente passados, mas muitas vezes preservados também por narrações e documentos que se consideram sagrados ou oficiais nomeadamente em termos de crenças ou da assunção da superioridade de valores políticos e comunitários. Nestes contextos, símbolos e representações como as hóstias, os emblemas nacionais e as estátuas, a par de celebrações padronizadas como as missas, as procissões, os desfiles e as manifestações alegóricas de índole musical e teatral, procuram contrariar, na sua radicalidade expressiva, as ruturas inerentes aos desaparecimentos

Nos meios familiares assumem um importante papel os testemunhos, os quais permitem reproduzir verbalmente e assegurar a continuidade da partilha de vivências interpessoais e das singularidades de quem desapareceu fisicamente. Acontece também que, com a transmissão destes testemunhos, se reproduzem normalmente, inclusive, algumas das expressões faciais e gestuais das pessoas, assegurando-se deste modo o reforço vital de uma pretendida transmissão, positiva ou negativa, configurada como uma herança.

Entidades suscetíveis de desaparecimento

Importa ter presente que o fenómeno do desaparecimento não se reporta apenas a pessoas. De facto, podem estar também em causa não só animais e objetos, como também elementos e contextos naturais, situações, dimensões cronológicas, etc.

Estão neste contingente os animais de estimação, os adornos pessoais e decorativos, as vivências afetivas,

sociais ou profissionais mais significativas, designadamente pela sua natureza amorosa, carácter identitário pessoalmente enfático e reconhecimento do seu valor comunitário.

Desaparecem também espaços e tempos naturais. De uma forma aguda com a emergência de catástrofes como terremotos, inundações, ciclones e incêndios, os quais têm como consequências, para além da destruição de elementos da própria natureza, a demolição de vastas peças do património construído. Mas as convulsões decorrentes da história humana geram igualmente, no decurso da sua evolução, ruturas de dimensão diversa exponenciadas com maior evidência nas revoluções que procuram instaurar novas estruturas políticas, sociais e culturais, em substituição das anteriores. Nestes contextos, os desaparecimentos, recusados ou mal-aceites pelas pessoas e grupos negativamente visados, surgem em simultâneo como condições necessárias para o progresso.

Turismo: o desaparecimento como reencontro

Proust é um dos maiores teorizadores da problemática do desaparecimento, designadamente nos últimos volumes de *À la recherche du temps perdu*. Considera o filósofo, numa abordagem de grande complexidade, que o desaparecer é sobretudo um processo em que, com o que se perde no âmbito da experiência afetiva do espaço e do tempo, se ganha um possível reencontro com nós mesmos, com o nosso futuro no nosso passado, nomeadamente através da arte. Na verdade, para Proust, no âmbito da obra referida, estando incontornavelmente a experiência já acabada, não ocorre por isso automaticamente o seu conhecimento e impacto: o futuro é assim não tanto o ponto de chegada do passado, mas a instância que permite retrospectivamente ao passado ganhar inteligibilidade.

O turismo, assumindo uma reflexividade que lhe sendo inerente na sua plenitude é, contudo, frequentemente escamoteada na prática por alegadas razões operacionais, deve privilegiar assim, nas suas propostas e ações, uma busca da inteligibilidade atual do passado.

Referências

Proust, M. (1913). *À la recherche du temps perdu*. Gallimard, Paris